



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



Literatura e História

Aula 02



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 02

Literatura e História

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0

Apresentação e Objetivos

Na Aula 1, discutimos como o conceito de literatura se relaciona com o conceito de cânone, cuja formação se dá pelo valor que é atribuído a uma determinada obra. Esse valor, por sua vez, não está dissociado da história. Assim, os estudos promovidos pela Aula 2 percorrerão as implicações entre literatura e história. Nós também vamos aprofundar um pouco a nossa discussão sobre literatura e sociedade. Para você, a literatura é autônoma, não depende do meio social em que é produzida ou ela não tem como escapar dessa dependência? Ou será que existe outro modo de pensar essa relação que não seja pelo viés excludente da autonomia ou da dependência? Nesse relacionamento entre literatura e sociedade, como ficam as minorias étnicas e sexuais? Você já se interrogou sobre a literatura produzida por mulheres, índios, negros, homossexuais? Já tocamos nessas questões, voltaremos a elas nesta aula.

Ao final da unidade, esperamos que você possa:

- compreender a relação entre literatura e história;
- reconhecer diferentes concepções da abordagem histórica da literatura;
- reconhecer a relação entre literatura e sociedade;
- compreender a interação entre literatura, sociedade e história;
- identificar os novos focos de interesse dos estudos literários.



Para Começar

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,

não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,

não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,

não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,

a vida presente.

Carlos Drummond de andrade, *Mãos dadas*.

Drummond, nesse poema, fala da importância e do peso do tempo na produção poética. O homem está preso ao tempo e por mais que trate da paisagem, da fuga, da dor, tudo o que produza está preso ao tempo, por isso, o tempo é, em última instância, a sua matéria. Assim, toda obra literária guarda consigo o tempo em que foi produzida e olhar do escritor sobre aquele seu tempo. Essa é uma das faces da relação entre literatura e história. Mas há outras faces. Vamos a elas?



Vimos, na Aula 1 que quando nos perguntam “o que é literatura” logo pensamos nas obras mais conhecidas, naquelas consagradas pelo cânone. Vimos também que o cânone literário é uma lista de livros considerados fundamentais, de leitura indispensável. Pois bem, a história literária, tradicionalmente, tem sido a história das obras e autores canônicos. Na contemporaneidade, essa tradição entrou em crise. Vamos acompanhar, resumidamente, esse processo.

1. História literária: prestígio e declínio

A história literária desfrutou de elevado prestígio desde o final do século XVIII até, pelo menos, a época de Gustave Lanson, autor de *Histoire de La Littérature Française* (1894). Entretanto, enquanto vigorou a crítica textualista, que se orientava por uma linha imanentista, isto é, voltada para o texto em detrimento do contexto, a história literária declinou. O formalismo russo, que você viu na Aula 1, e o estruturalismo ¹, como também outras correntes críticas de mesma orientação, direcionaram sua abordagem para elementos internos da obra, privilegiando o aqui e o agora do texto, descartando ou minimizando o interesse por aspectos exteriores como a época e o lugar da produção literária e a biografia do autor.



Fig. 01 - Literatura e história

A rejeição à abordagem histórica da literatura se justificava pela convicção de que o sentido da obra estava nela mesma e não na sua relação com o mundo real. Roland Barthes, em 1968, em ensaio intitulado *A morte do autor*, criticava os manuais de história literária, nos quais ainda reinava a biografia dos autores, procurando juntar a pessoa e a obra na tentativa de decifrar os significados do texto. E prossegue:

O Autor, quando se crê nele, é sempre concebido como o passado de seu livro; o livro e o autor colocam-se por si mesmos numa mesma linha, distribuída como um antes e um depois [...]. Pelo contrário, o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto [...] outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente *aqui* e *agora*. (BARTHES, 2004, p. 61)

Como você pode ver, é a época do primado da linguagem e da autonomia da literatura. Para Barthes, na escritura se perde toda identidade, começando pela do corpo que escreve. Não existe outro tempo fora do tempo presente da leitura.

¹ O estruturalismo não é uma corrente exclusiva dos estudos literários: podemos encontrá-lo na psicologia, na sociologia, na antropologia, na filosofia, na psicanálise e na linguística. Você estudará mais sobre o estruturalismo em aulas posteriores.

Segundo Barthes (2004, p. 64), "o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor". Mas, para o crítico, o leitor é também um homem sem história, sem biografia, sem psicologia. O que se percebe, portanto, é o declínio da importância da história para a análise literária. É o divórcio entre o texto e o contexto.

Na tradição cronológica da história da literatura, as obras ou eram devedoras do passado, isto é, os antigos eram os mestres dos novos escritores, ou as obras posteriores, apresentadas numa progressão, superavam as anteriores. A cronologia não dá conta da complexidade literária. Um Dante, por exemplo, em sua *Divina Comédia*, tomou Virgílio como guia, um mestre. Entretanto, é a obra de Dante que difunde a de Virgílio, fazendo com que o autor de Eneida, que lhe era precursor, se tornasse mais conhecido.



Fig. 03 - A barca de Dante

O critério cronológico tornou datada a própria história literária, ou, por outras palavras, decretou seu fim. Com isso, tornou-se necessário que a disciplina acompanhasse as transformações pelas quais passava a crítica literária. Hans Robert Jauss, em 1967, no texto intitulado *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, constatava a decadência do gênero e propunha sua reabilitação em novas bases. Para Jauss, é na dimensão do leitor que se encontra a base metodológica para a verificação tanto do valor estético de um texto quanto do seu nexo na história. O valor estético é medido pelos primeiros leitores de uma obra que a compara com outras e adquire novo parâmetro para avaliar esteticamente obras futuras. Leitores posteriores acrescentariam novas leituras, repetindo o procedimento. O estudo das sucessivas recepções do texto² daria o significado histórico e o valor estético dos textos (JAUSS, 1994).

Muitos acontecimentos concorreram para mudanças na história da literatura. O pós-modernismo, o pós-estruturalismo - que preconizavam o fim das metanarrativas - e a criação dos estudos culturais na Inglaterra e Estados Unidos foram algumas das movimentações que provocaram uma transformação na disciplina história. Esta ampliou seu eixo narrativo, voltando-se também para o micro, para as narrativas dos excluídos, dos silenciados. É o reconhecimento do multiculturalismo que toma conta também de objetos culturais como a propaganda. A partir de então, a história é marcada pela heterogeneidade dos discursos, como detectou Compagnon, em *Demônio da teoria* (2003, p. 222):

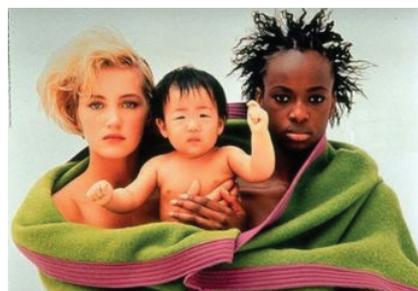


Fig. 04 - multiculturalismo

2 Os estudos baseados na recepção da obra focalizam o papel do leitor e são chamados de Teoria da recepção.

A história dos historiadores não é mais uma nem unificada, mas se compõe de uma multiplicidade de histórias parciais, de cronologias heterogêneas e de relatos contraditórios. [...] A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura.

O movimento pós-estruturalista está intimamente ligado ao pós-modernismo, embora os dois conceitos não sejam sinônimos.

Apesar de não caberem em uma definição, em linhas gerais, ambos contestam os fundamentos do sujeito cartesiano moderno, explicável pela razão como unitário, racional, autônomo. Ao invés disso, compreendendo-os como uma construção histórica.

Pós-estruturalismo é um sistema teórico sobre as regras de linguagem e significação. Já o pós-modernismo abrange um campo bem mais amplo, o da cultura. Caracteriza-se pelo fim das metanarrativas, isto é, das grandes narrativas de explicação do universo, como, por exemplo, Ciência, Religião, História. O pós-modernismo privilegia as narrativas menores e múltiplas sem buscar qualquer legitimação universalizante.

Consulte: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/posmodernismo.htm>

Desse modo, a história da literatura, caracterizada pela fragmentação e multiplicidade, não será a história das grandes obras do passado, síntese de períodos literários. Tem-se uma nova história, menos diacrônica e mais sincrônica, o passado revisto pelos valores do presente e este em constante reformulação. A abordagem sincrônica não considera a sequência temporal linear que funda os estudos de fontes e influências em que as obras posteriores têm uma dívida com as anteriores, lugar da origem, o pai de uma geração. Por outro lado, a abordagem sincrônica não situa o novo no que vem depois apenas por um critério de sucessão. O novo não está necessariamente no filho.



Fig. 05 - Pé e mão

Na perspectiva sincrônica, os objetos culturais, principalmente os literários, são vistos na sua mobilidade. A obra literária não é um acontecimento que ficou no passado, ela dialoga com a cultura que a recebe. Essa cultura produz novos objetos e estes alteram a tradição, impõem-lhe uma leitura diferente, assim como a tradição fornece elementos para a compreensão do contemporâneo. É por isso que os movimentos feministas, étnicos e homossexuais provocam uma releitura do cânone transmitido pela tradição e são, ao mesmo tempo, questionados sobre o valor de sua produção.

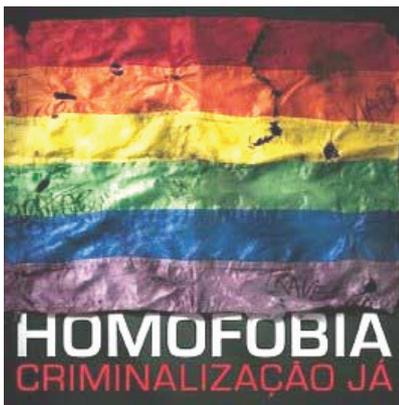


Fig. 06 - homofobia

A luta das mulheres, dos negros, dos homossexuais (a exemplo do movimento para tornar crime a homofobia) é a luta pelo respeito às diferenças. Esse é o leque da crítica pós-colonial, uma série de estudos centrados nos efeitos da colonização sobre as culturas e sociedades colonizadas. Esses estudos procuram ouvir as vozes das culturas e dos segmentos sociais periféricos, incluindo-se aí, todas as minorias raciais, as mulheres e os homossexuais.

"A chamada Crítica Pós-colonial, ou os Estudos Pós-Coloniais ("Post-Colonial Studies"), apresentam-se na academia internacional como um conjunto de estratégias interpretativas voltadas para a rica diversidade de práticas culturais que caracterizam as sociedades colonizadas ou egressas da colonização europeia, desde o momento inicial da colonização, no alvorecer da modernidade, com a expansão marítima europeia, até o presente [...] Historicamente localizada, a crítica pós-colonial problematiza o processo histórico da colonização empreendida pela Europa nos demais continentes e efetua a leitura desconstrutora de textos colonialistas de diversas ordens (literários, científicos, filosóficos, políticos, jurídicos, jornalísticos, de cunho religioso, etc.), neles destacando as representações europeias a respeito dos nativos nas/das colônias e a conseqüente fabricação do "sujeito" colonial. A par disso, a crítica pós-colonial examina a produção de contradiscursos também de diversas ordens que expressam, ostensiva ou camufladamente, projetos de resistência do colonizado e suas estratégias de revide na árdua luta pela autonomia".

Leia mais... <http://www.pacc.ufrj.br/z/ano3/01/artigo04.htm>

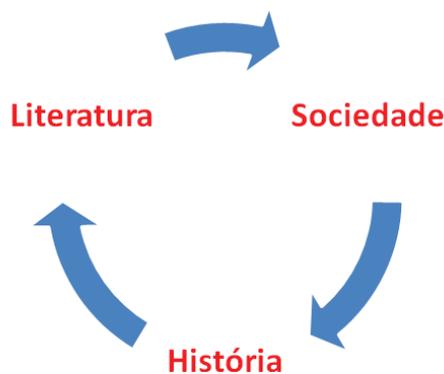


1. Para poder organizar melhor o que você estudou até aqui, leia o texto *História Literária e julgamento de valor*, de Leila Perrone-Moisés, parte de nossa pasta de leituras complementares e elabore uma breve síntese das relações entre literatura e história e como o juízo de valor implica nessa relação.

2. Literatura e sociedade: autonomia ou dependência?

A relação entre literatura e história é também uma relação com a sociedade. Veja se a figura abaixo pode lhe conferir essa ideia:

Relação entre literatura e sociedade



Fonte: Autoria nossa.

Como podemos observar na figura “Relação entre literatura e sociedade”, a relação entre literatura, sociedade e história é circular. A literatura sofre a ação da história e a esta devolve outra ação através de sua interação com a sociedade. Desse modo, é necessário discutirmos sobre literatura e sociedade.

Vamos começar pensando em literatura e realidade. Essa relação é desde a Poética de Aristóteles, como você já sabe, conhecida como *mimêsis*, que significa,

grosso modo, imitação da realidade. A literatura, para Aristóteles, é representação do real, tendo que atender, portanto, ao princípio da verossimilhança, isto é, deve ter uma coerência tal que pareça real.

Isso era tão importante para o filósofo grego que é, em sua *Poética*, um critério para considerar como gêneros maiores a epopéia e a tragédia, gêneros da narração ou da representação das ações humanas.



Fig. 07 - Deus criando o mundo.

Essa compreensão da literatura como representação do real foi adotada e contestada. Adotada pela crítica positivista que embasava as histórias da literatura do século XIX ou pela crítica de inspiração marxista, que, defendendo, na sua versão mais radical, uma teoria do reflexo, entende que a literatura é um espelho da realidade social. A contestação veio das correntes críticas com foco na imanência do texto, como *New criticism*, Formalismo Russo, Estruturalismo, Semiótica. Para esse tipo de crítica, o mundo é o próprio texto, sendo, outros textos, portanto, sua referência ou sua realidade. O mundo visto assim não passa de uma realidade virtual. É a teoria da intertextualidade, de Julia Kristeva que, apesar de surgir do conceito de dialogismo de Bakhtin, foi concebida com uma diferença: a intertextualidade se dá entre textos,

mantendo assim a exclusão do contexto; o dialogismo apresenta uma abertura para o tecido social, é a condição do discurso, a interação de várias vozes sociais.



Fig. 08 - intertextualidade.

O traçado atual da relação entre literatura e sociedade começou a ser delineado no final dos anos 1950. Em 1957, o francês Roland Barthes publica *Mitologias* em que analisa diversos objetos culturais como, por exemplo, luta livre e propaganda. O crítico tinha a intenção de demonstrar como, na verdade, era cultural o que parecia natural. Em 1958, Raymond Williams publica *Cultura e sociedade*, procurando recuperar uma cultura operária popular que estava esquecida porque a cultura era identificada com alta literatura. É o surgimento do que, mais tarde, ficaria conhecido como Estudos Culturais, que você já viu nas unidades anteriores. Embora haja diferenças nas perspectivas de Barthes e Williams, ambas foram decisivas na retomada do entendimento da literatura

como um efeito de *mimèsis* ou, pelo menos, como não completamente autônoma do tecido social. Um espelho da realidade, mas não tão fiel a ela (como na pintura de Paul Delvaux (1897- 1994) apresentada na Figura 9.

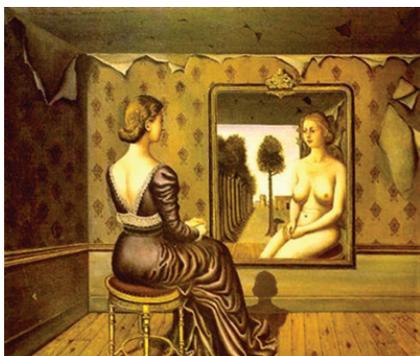


Fig. 09 - O espelho.

Uma das críticas que se faz aos estudos culturais é que estes, ao refazerem os laços entre literatura e sociedade, oferecem o risco de sobrepor o social ao literário ao ponto de negar a essa qualquer forma de autonomia. Além disso, como você já viu desde a Aula 1, existe, entre os defensores da alta literatura, o temor de se relegar ao esquecimento as grandes obras da humanidade, fundamentais para a formação do sujeito.

De qualquer forma, os estudos culturais, associados às ideias pós-estruturalistas operaram uma transformação nos estudos literários. A partir de uma concepção de cultura como fabricada, surgiram nas décadas de 1980 e 1990, influenciados principalmente pelas teorias de Foucault³, o Novo Historicismo e o Materialismo Cultural. Nascidos, respectivamente, nos Estados Unidos e na Inglaterra, as duas tendências críticas, com algumas pequenas diferenças, concentram-se na construção da identidade e nos discursos como forma de poder. Investiga-se como, na literatura, se consolida uma posição ideológica, a subversão a ela e as formas de repressão à resistência.

O entendimento de que literatura, sociedade e história estão interligados promoveu, como vimos, uma abertura dos estudos literários. A luta das mulheres foi determinante na alteração dos interesses da crítica. Hoje a crítica passou a prestar mais atenção às literaturas de autoria feminina, de minorias étnicas e sexuais. Desde a Aula 1, apontamos para esse aspecto.

Em todo caso, a historiografia literária promove uma eleição de obras que constarão nos manuais ou antologias. Tal eleição canoniza, como você já deve ter concluído, certas obras e obscurece outras. Por essa indicação, baseiam-se grande parte dos professores, tanto do ensino básico, como do ensino superior. Felizmente, com o prestígio crescente dos estudos culturais, o cânone está sendo constantemente interrogado. O questionamento leva à renovação. Assim a estética ou o gosto das classes dominantes não são mais determinantes. O gênero, a etnia, a orientação sexual tendem a não ser mais fatores de exclusão na história atual da literatura. Esses grupos sociais são cada vez mais representados por uma ótica não excludente e suas produções têm tido um pouco mais de atenção da crítica, especialmente a crítica acadêmica. É o caso, por exemplo, do livro *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, lançado em 2006, que tem despertado o interesse da crítica.



Fig. 10 - Interrogação.

³ Michel Foucault (1926-1984) importante filósofo francês, cujo principal foco de estudos são as relações de poder. Para conhecer mais sobre Foucault e suas idéias visite <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>

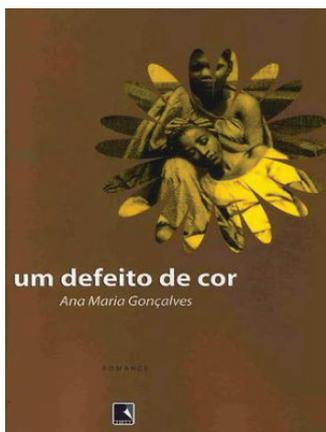


Fig. 11 - Capa de um defeito de cor

Romance que conta a história de Kehinde, uma africana idosa, cega e à beira da morte, que retorna ao Brasil em busca do filho perdido há muitos anos. Durante a travessia, ela conta sua vida, marcada por mortes, estupros, violência e escravidão. Para ler crítica sobre a obra, ver Um defeito de cor: o entre e o duplo da diáspora, artigo de Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo Côrtes, disponível em:

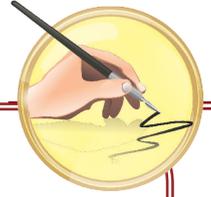
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/anamaria/anamaria>

Por outro lado, a história e a crítica têm estado mais próximas, o que favorece uma revisão tanto de uma como de outra, pois a crítica deixou de ser meramente formalista, voltada para os aspectos internos da obra, e a historiografia tem se voltado para esses aspectos, ressaltando a relação entre literatura e sociedade, sem perder de vista a individualidade criadora do artista que não é apenas um produto de uma sociedade numa determinada época. Em todo caso, como afirma Compagnon (2003, p. 204):

A crítica do historicismo não nos deve impedir de tentar penetrar, por pouco que seja, as mentalidades antigas e de nos submetemos às suas normas. Pode-se estudar o quadro e o ambiente da obra - seu contexto e seus antecedentes - sem considerá-los como causas, mas apenas condições. Pode-se, sem ambição determinista, falar simplesmente de correlações entre os contextos, os antecedentes e a obra, sem se privar de nada que possa contribuir para uma melhor compreensão da mesma.

A relação entre literatura e história, texto e contexto, é conturbada. Voltaremos a discuti-la sempre que se fizer necessário e quando formos estudar as correntes críticas, temas de nossas próximas aulas.

Mãos à obra



1. Com base no que você estudou até aqui, pesquise e elabore algumas definições para a criação de um glossário pessoal. Para isso, faça o levantamento de termos que você considerou mais difíceis nessas duas primeiras aulas. Aqui você já tem alguns, pesquise outros e elabore, com suas próprias palavras e com base em pesquisas, a definição de cada um.
 - Crítica textualista
 - Historiografia literária
 - Crítica positivista
 - Crítica pós-colonialista
 - Estudos culturais
 - Materialismo cultural

Já sei!



Nesta aula, você estudou as relações estabelecidas entre literatura e história observando a sua implicância no estudo da literatura e no surgimento de diversas correntes críticas da teoria literária. Você percebeu que essa relação é complexa e conflituosa e que se posiciona de forma a estabelecer vínculos entre literatura, história e sociedade. Você viu também que hoje as correntes teóricas de estudo da literatura têm procurado valorizar as minorias, através da ascensão dos estudos culturais.



Autoavaliação

1. Leia o capítulo *O que é teoria*, de Jonathan Culler, presente em nossa pasta de Leituras complementares. Lembre-se de que a atitude de leitura recomendada é a mesma da primeira unidade: em rede, isto é, aquela em que "Um texto leva sempre a outros textos, de modo que um vai complementando os vazios do outro".
2. Após a leitura, elabore uma síntese que demonstre a sua compreensão do que seja a teoria da literatura e acrescente uma breve reflexão sobre qual a importância da teoria para a sua formação como professor de língua estrangeira.



Um passo a mais

Leia o texto abaixo para compreender melhor os estudos culturais.

CULLER, Jonathan. O que é teoria. In: _____. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1997.

Acompanhe em mais um texto o percurso da história literária, seus momentos de glória e de crise

FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. Rev. Semeiar, Rio, n. 7, Nov. 2001. Disponível em : <http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/Revista/7Sem_18.html> Acesso em 22/11/2009.

O texto abaixo poderá ajudá-lo a ampliar seus conhecimentos sobre a chamada crítica pós-colonial e sua importância nos dias atuais.

GOMES, Heloisa Toller. Crítica pós-colonial em questão. **Revista Z Cultural**. Rio, ano III, n. 1, Dez. 2006/Mar. 2007. Disponível em: <<http://www.pacc.ufrj.br/z/ano3/01/artigo04.htm>>. Acesso em 04/01/2010



BARTHES, Roland. A morte do autor. In: ____ **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/>

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. (Coleção documentos brasileiros).

ANDRADE, Carlos Drummond de. Mãos Dadas. In: **Literatura comentada**. 2ed. São Paulo: Nova Cultural, 1998, p. 55.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro, Record, 2006.

JAUSS, H.R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LEAL, Flávio. A historiografia literária brasileira: História e Perspectivas. *Espéculo. Rev. de estudos literários*, n. 4, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero34/hisliter.html>>. Acesso em 20/12/2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. História Literária e julgamento de valor In: ____ **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 19- 60.

Fonte das figuras

Fig. 01 - http://farm4.static.flickr.com/3151/2884298135_6e188a3ca1.jpg?v=0

Fig. 02 - <http://zaacnet.files.wordpress.com/2009/07/separacao.jpg>

Fig. 03 - <http://www.historiadaarte.com.br/imagens/romantbarca.jpg>

Fig. 04 - http://www.webislam.com/media/image/2008/04/gran_multiculturalismo_3.jpg

Fig. 05 - http://bibliadejesusbastos76.blogspot.com.br/2011_

Fig. 06 - <http://feraaa0001.blogspot.com.br/2011/04/nao-aguento-mais-esse-papo-de-homofobia.html>

Fig. 07 - <http://eudesenholettras.files.wordpress.com/2009/03/deus-criando-o-mundo.jpg>

Fig. 08 - <http://www.ucm.es/info/especulo/numero28/inteetxe.html>

Fig. 09 - <http://mesquita.blog.br/image-arte-pintura-paul-devaux-o-espelho-x>

Fig. 10 - http://www.senado.gov.br/sf/senado/portaldoservidor/jornal/jornal82/Imagens/interrogacao_mat.jpg

Fig. 11 - <http://www.bonslivrosparaler.com/wp-content/uploads/2011/04/Um-defeito-de-cor-Ana-Maria-Gon%C3%A7alves-Bons-Livros-Para-Ler1.jpg>